

II.1.4

Escola sem muros: a comunidade de aprendizagem promotora de mudançaFernando Luís Santos, *Instituto Piaget & RECI (Research in Education and Community Intervention)*Rita Alves, *Instituto Piaget*Marlene Silva, *Instituto Piaget*Helena Costa Pinto Ribeiro de Castro, *RECI, Instituto Piaget*João Carlos Paz, *Universidade Aberta*

Esta comunicação discute o conceito de comunidade de aprendizagem (Chocran-Smith & Lytle, 1993) e a forma como esta define, modifica e estrutura o modelo de formação de professores na ESE Jean Piaget (Almada). A vontade crescente de melhorar a qualidade das aprendizagens dos estudantes conduziu um grupo de docentes a várias experiências pedagógicas que convergiram num projeto de investigação-ação denominado “escola sem muros”. O trabalho e a comunidade representam uma parte significativa da discussão pedagógica dos docentes envolvidos, de alguma maneira, no projeto. Tendo em vista os desafios cada vez mais complexos que se colocam às formas e processos de aprendizagem, torna-se evidente a necessidade das escolas (e, neste caso, uma ESE) assumirem uma atitude mais proativa no apoio que prestam aos seus estudantes (anteriores, atuais e futuros). Maximizando o efeito de estratégias, sobretudo transdisciplinares, pretende-se que os estudantes se constituam como autores do seu próprio processo de aprendizagem e que daí resulte, por isomorfismo pedagógico (Nisa, 2009), uma mudança de práticas nas escolas que vierem a integrar. Para tal, as ESE necessitam que os seus docentes detenham um conjunto de competências didáticas que se apresentam como essenciais para impactar positivamente os seus estudantes. Qualquer escola tem de se questionar: 1. O que queremos que os estudantes aprendam? 2. Como sabemos que os estudantes aprenderam? 3. Como respondemos às dificuldades que um estudante tem em aprender? 4. Como potencializamos os conhecimentos que os estudantes possuem? É na tentativa de resposta à terceira questão que reside o que separa uma escola em construção que visa utilizar o paradigma da comunicação de uma escola que segue o paradigma da instrução. A identificação de preocupações comuns e a definição de objetivos também eles comuns conduzem à comunidade de aprendizagem onde os docentes se juntam para formação e autoformação, em cooperação, numa base regular. A comunidade desenvolve-se num formato de encontros periódicos e dinâmicos que incluem facilitadores (ou agentes provocadores), recorrem a uma página na plataforma moodle, como suporte para a discussão e como repositório de material, bem como dos resumos das discussões. O modelo cooperativo de comunidade de aprendizagem enfatiza um olhar crítico para a aprendizagem do qual resultam benefícios diretos para os estudantes. Este grupo de docentes partilha e interroga-se de forma crítica sobre as suas práticas e, de forma constante, coopera no mapeamento de estratégias que assegurem não só que a aprendizagem aconteça, mas que esta beneficie o crescimento profissional dos estudantes e o desenvolvimento das competências especificadas nos programas das várias unidades curriculares do(s) curso(s). O desenvolvimento da comunidade de aprendizagem implica que os docentes envolvidos sejam um grupo organizado e comprometido com a aprendizagem mútua onde questionam, construtivamente, as próprias práticas e as de outros, de modo a que a aprendizagem se reconstrua. Este enquadramento permite capacitar os professores a trabalhar cooperativamente, de forma deliberada e sistemática, dando lugar à criação de conhecimento a partir de redes internas e interativas, através do diálogo e da partilha, de onde surgem novas práticas. Esta mudança de paradigma, de uma escola que cria um processo de resposta sistemático para monitorizar as aprendizagens individuais de cada estudante para uma escola que assegura que os estudantes trabalhem num ambiente orgânico respondendo aos problemas/interesses/necessidades desse grupo em particular, que levou à criação de uma comunidade de aprendizagem constituída por docentes, poderá vir a promover o alargamento da comunidade a estudantes ou mesmo a membros externos à instituição. O processo de desenvolvimento da comunidade ditará o seu futuro, sempre no sentido de contribuir para uma escola mais envolvida e mais próxima da comunidade educativa, no seu entendimento mais alargado, beneficiando, pela cooperação, as práticas de ensino e de aprendizagem diárias. A comunidade de aprendizagem promove uma “reforma educativa” baseada na mudança de um paradigma da instrução para um paradigma da comunicação e estrutura o desenvolvimento profissional do professor provocando a transformação das suas aulas/sessões pedagógicas em comunidades de prática onde se trabalha cooperativamente, maximizando os benefícios para os estudantes. Os docentes envolvidos na reflexão sobre as suas próprias práticas e modelos de avaliação (um dos tópicos mais abordados na comunidade) não só motivam os seus estudantes, mas por intermédio do isomorfismo pedagógico anseiam alterar as práticas futuras dos seus estudantes. A identificação de problemas e a partilha das práticas transformam a comunidade de aprendizagem num fórum essencial à prática pedagógica de uma instituição de ensino superior que forma professores para o futuro.